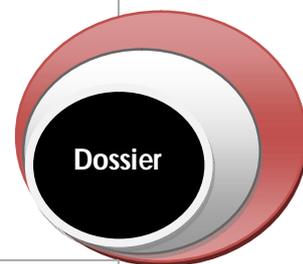


# Quem Precisa da Utopia?

Um Diálogo com o Meu Eu Utópico

(Com um Pedido de Desculpas e Agradecimento a H. G. Wells)



**Gregory Claeys** | Universidade de Londres, Reino Unido

Trad. Marco Costa\*

## Prólogo

Os leitores estarão familiarizados com a estratégia a que recorre H.G. Wells em *A Modern Utopia* (1905), onde descreve a relação entre o narrador (o próprio Wells) e o seu "Eu utópico", uma versão melhorada da sua personalidade e que vive num mundo melhor. O que abaixo encontram é um pequeno *jeux d'esprit*, adaptando o tema a questões mais actuais. O "V.E." representa o meu "verdadeiro eu" (despido de qualquer explicação filosófica) e o "E.U." ("Eu utópico") constitui a sua alternativa.

## Diálogo

**V.E.** Não me digas que vais voltar a esses teus disparates sobre utopia? Não sabes que já estamos fartos desse assunto, que já não confiamos no uso que fazes dessa palavra e que desconfiamos das tuas razões e, por vezes, até mesmo da tua sanidade?

**E.U.** Não quero antecipar as tuas objecções, mas imagina que vais de férias para um país estrangeiro e não levas mapa.

**V.E.** É uma receita para o desastre, a menos que gostes de correr riscos e sejas devoto da espontaneidade e da aventura.

**E.U.** É isso mesmo. Quero defender o conceito de utopia, introduzindo o tema clássico de Wells: o século do pensamento, que precedeu o fim da época vitoriana e os horrores da I Grande Guerra, foi excessivamente dominado por um conceito providencialista da História. No Liberalismo tomou a forma de uma teoria de progresso que partia do princípio de que o nível de vida estava a melhorar graças à ciência e à invenção tecnológica, bem como à gradual transformação do mundo num lugar mais civilizado. Contudo, mesmo no Marxismo havia a presunção de que se podia confiar na história (desde que esta fosse correctamente interpretada) para a "distribuição dos bens". Acreditava-se

### Citação

Gregory Claeys, "Quem Precisa da Utopia? Um Diálogo com o Meu Eu Utópico (Com um Pedido de Desculpas e Agradecimento a H. G. Wells)." Trad. Marco Costa. *Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos/An Anglo-American Studies Journal* 2.<sup>a</sup> ser. 1 (2008): 20-23. Web. <<http://ler.letras.up.pt>>

que o proletariado, em particular, criaria o novo mundo a partir das cinzas do velho, sem necessitar de uma avaliação cuidada do que seria preciso e da forma como seria alcançado.

**V.E.** Não compreendo o que é que isto tem a ver comigo.

**E.U.** Deixa-me explicar. A concepção de progresso do Liberalismo, que nunca foi derrotada pelo socialismo, continuou a dominar o pensamento moderno nos anos 50 após a morte de Wells. Estava comumente disfarçada de "crescimento", que significava um aumento do consumo, da produção e da procura. Nos finais do século XX, estimulado sobretudo pelo consumo extraordinário dos Estados Unidos, esgotaram-se quase tantos recursos naturais do planeta (um terço) como nos dez mil anos de História da Humanidade. Actualmente, aproximadamente dois terços já foram consumidos. E o aquecimento global?

**V.E.** Claro, mas o que é que isso tem a ver com a "utopia"? É mesmo necessária uma avaliação prática da nossa conjuntura? Em todo o caso, convence-me de que não és demasiado egoísta, estúpido ou ganancioso para te distanciares do caminho que trilhámos. Amamos demais o consumo para nos afastarmos dele.

**E.U.** Remeto novamente para o meu mentor. O grande tema do pensamento de Wells (o maior de todos os temas modernos de Wells) era a gestão do mundo. Wells acreditava que os problemas do mundo se centravam na natureza e que, por esse motivo, a solução deveria ser também encontrada na natureza. Wells entrevia o possível colapso ecológico, mas não é aquele que nós prevemos. Estamos conscientes de que estamos a destruir o planeta e sabemos que uma solução global, que teve início timidamente com o Tratado de Quioto, exige um grau de controlo colectivo e responsabilidade muito para além daquele que tínhamos planeado.

**V.E.** Não estás, certamente, a falar das Nações Unidas? Qual é a sua utilidade?

**E.U.** Merece todo o nosso apoio e um alargamento dos seus poderes e da sua responsabilidade.

**V.E.** Só se os Estados Unidos não interferirem.

**E.U.** Urge chamar a atenção de todas as nações não só para a conjuntura global, como também para o dever daqueles que possuem a tal consciência de agir imediatamente e de apoiar de forma directa. Tais medidas são susceptíveis de minimizar os estragos que estamos a provocar no meio ambiente.

**V.E.** Volto à minha objecção: quem é que abdica do seu BMW? Fiz-me entender?

**E.U.** E eu contraponho com um exemplo. Se os veículos utilitários desportivos se vendem com tanta facilidade e fazem disparar o aumento do consumo de combustível, então os governos devem tomar nota de tais situações e aumentar os impostos sobre estes veículos, investindo numa rede de transportes públicos e aumentando os impostos sobre o consumo. Esta é a essência de qualquer governo “ecológico”. Isto exige, porém, liderança: a maior das inquietações de Wells.

**V.E.** Até que enfim deixaste de falar de “utopia”...

**E.U.** Esta é a primeira fase da utopia mais moderna, que é a de acautelar a distopia. Se conseguimos colaborar na prevenção de uma catástrofe ecológica, talvez enxerguemos o valor da cooperação para a construção da paz mundial. O espectro da catástrofe ecológica implica um tenso confronto dos poderes que competem sobre os escassos recursos como a água ou a terra arável.

**V.E.** Então do que realmente precisamos é de rearmamento.

**E.U.** Tu és mesmo um apoiante incontestável do Sr. Bush, não és?

**V.E.** Não, na verdade estou apenas a expandir a lógica do teu argumento. E lembra-te de que, de qualquer forma, eu sou tu.

**E.U.** És o meu lado mais sombrio, não a parte melhor que há em mim. Não te podes esquecer disso. És parte de mim, mas até tu és capaz de incutir alguma sanidade às tuas acções se te convenceres das consequências deste estado de coisas.

**V.E.** Estás a dizer-me que estamos todos no mesmo barco.

**E.U.** É isso mesmo. E ou nos salvamos ou nos afogamos juntos.

**V.E.** E a utopia é a praia em direcção à qual devemos nadar?

**E.U.** Talvez não seja a ilha distante de Croisé com palmeiras e natureza verdejante, mas é uma terra onde a vida pode continuar na sua variedade de espécies. Uma terra onde é possível sobreviver. A alternativa é demasiada infeliz para ser contemplada.

**V.E.** Como é que podemos chegar lá?

**E.U.** Reduzindo o crescimento populacional, implementando medidas de controlo da natalidade rígidas, reduzindo o consumo através das medidas que sugeri anteriormente e, mais importante ainda, estabelecendo um nível de vida-

padrão entre o mundo mais desenvolvido e o mundo subdesenvolvido a fim de evitar o aumento excessivo da população neste último.

**V.E.** Boa sorte! Quem é que vai concordar com tudo isso?

**E.U.** Talvez consigamos convencer o mundo a agir desta forma. Não importa. Não há outra escolha mediante a sequência das nossas acções. A minha conclusão é a seguinte: é dever dos sábios desenvolverem este plano. Os outros têm menos discernimento das duras realidades que enfrentamos. Somos suficientemente privilegiados para nos afastarmos do egoísmo actual.

**V.E.** Boa sorte! Intelectuais! Querendo salvar o Mundo! O mais certo é que encham de penas os seus ninhos tal como todos os outros.

**E.U.** Por vezes consegues ser mesmo um imbecil irritante.

**V.E.** Idem.

**E.U.** Porém, não desistirei e, na verdade, tens alguma razão.

**V.E.** Boa sorte mais uma vez! Vais precisar de muita. ■

## Nota

---

\* Revisão e supervisão de Fátima Vieira, no âmbito do Seminário de "Revisão e Edição de Textos" do Curso de Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos da FLUP (ano lectivo de 2007-2008).